

DISCURSO, HUMOR E RESISTÊNCIA AO NOVO ENSINO MÉDIO NO INSTAGRAM

Francisco Edjânio Rodrigues Ferreira
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
<https://orcid.org/0009-0006-2567-3895>

Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
<https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

RESUMO:

O estudo propõe-se a compreender como o discurso humorístico faz funcionar estratégias de resistência ao novo ensino médio em tiras cômicas publicadas no Instagram. O aparato teórico que norteia a investigação reside prioritariamente nos Estudos Discursivos Foucaultianos. A análise compreende o exame de cinco postagens retiradas do perfil @coletivoeducartum na rede social antes mencionada. Foi possível depreender que o discurso humorístico lança mão de estratégias variadas para engendrar formas de resistência, como o sarcasmo, a ironia, as situações inesperadas e a retomada de enunciados já ditos antes. Essas estratégias permitem entrever que o NEM e a reforma que o instituiu são caracterizados por discursos tido como falaciosos e alheios à realidade educacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Humor. Resistência. Novo ensino médio.

Abstract

The study proposes to understand how the humorous discourse makes work resistance strategies to the new high school in comic strips published on Instagram. The theoretical apparatus that guides the investigation resides primarily in the Foucaultian Discourse Studies. The analysis comprises the examination of five posts taken from the profile @coletivoeducartum on the social network previously mentioned. It was possible to infer that the humorous discourse makes use of varied strategies to engender forms of resistance, such as sarcasm, irony, unexpected situations and the resumption of utterances already said before. These strategies allow us to glimpse that the NEM and the reform that instituted it are characterized by discourses considered as fallacious and alien to the Brazilian educational reality.

KEYWORDS: Discourse. Humor. Resistance. New high school.

Resumen

El estudio pretende comprender cómo el discurso humorístico hace funcionar las estrategias de resistencia a la nueva educación secundaria en las tiras cómicas publicadas en Instagram. El aparato teórico que guía la investigación se basa principalmente en los estudios discursivos foucaultianos. El análisis comprende el examen de cinco posts extraídos del perfil @coletivoeducartum en la citada red social. Se pudo observar que el discurso humorístico utiliza diversas estrategias para engendrar formas de resistencia, como el sarcasmo, la ironía, las situaciones inesperadas y la reutilización de enunciados ya dichos. Esas estrategias permiten ver que el NEM y la reforma que lo instituyó se caracterizan por discursos que son vistos como falaces y ajenos a la realidad de la educación brasileña.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Humor. Resistencia. Nueva escuela secundaria.

1 INTRODUÇÃO

A reforma do ensino médio, editada por meio da Lei nº 13. 415/2017, foi instituída numa conjuntura política e social bastante tumultuada. Após a deposição da presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2016, o então vice, Michel Temer (MDB) assume o poder e empreende uma série de reformas e medidas que não encontram apoio em diferentes setores da sociedade e, dentre elas, podemos mencionar a que oficializa modificações cruciais no funcionamento do ensino médio brasileiro.

Embora os anseios por uma reforma nessa etapa da educação básica não fossem novidade, principalmente quando se considera os elevados níveis de evasão existentes nessa etapa e as queixas de discentes que não se identificam com o currículo tido como engessado nessa fase de conclusão da educação básica e sem uma franca articulação com o mundo do trabalho, o modo como Temer efetuou a reforma – através da Medida Provisória nº 743/2016 – e sem um debate amplo com a sociedade desencadeou uma série de críticas e manifestações contrárias a essa política concebida como antidemocrática e autoritária.

Entre as principais mudanças previstas pela reforma na constituição do Novo Ensino Médio (NEM), mais tarde rediscutidas pelo atual governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva¹, encontram-se a ampliação da carga horária (de 2400 para 3000 mil horas), a distribuição dessa carga horária entre a formação básica (1800 horas), conforme definida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e os chamados itinerários formativos (1200 horas), os quais correspondem às áreas do conhecimento (Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Matemática suas tecnologias) e à formação técnica e profissional. Esses itinerários integram a parte diversificada do currículo e cabe ao discente a

¹ No momento de construção deste texto, a Câmara dos Deputados havia aprovado mudanças na reforma do ensino médio, a partir de uma consulta pública realizada pelo Ministério da Educação em 2023 e o Projeto de Lei (PL) havia sido encaminhado ao Senado. Pode-se mencionar que as principais modificações se relacionam com o aumento da carga horária relativa à formação básica e à obrigatoriedade de cada escola ofertar o aprofundamento nas quatro áreas de conhecimento (Linguagens; Ciências Humanas e Sociais aplicadas; Ciências da Natureza e Matemática).

“escolha” do itinerário que melhor se afina aos seus anseios, às aspirações, às identificações e ao projeto de vida.

Já no âmbito das várias críticas feitas à essa reforma, podemos mencionar: a) o aprofundamento das desigualdades educacionais, pois nem todos os discentes, de fato, poderão escolher o itinerário formativo que deseja, dado que a lei não prevê a oferta de todos por parte da escola e das redes de ensino; b) com a aglutinação de disciplinas por área do conhecimento, exceto Língua Portuguesa, Matemática e Língua Inglesa, tem-se uma formação que pode ser considerada precarizada (Cássio, 2023; Corti, 2023), tendo em vista o fato de o aluno não ter acesso a saberes disciplinares importantes na formação para o exercício pleno da cidadania; c) o eixo do ensino técnico e profissional mostra-se desvinculado da formação geral, o que tende a gerar mão de obra barata para um mercado caracterizado pela precarização e pela informalidade; d) a reforma também prevê a atuação de agentes no ambiente educacional sem uma formação na área da docência, pois pessoas com o chamado “notório saber” poderiam ministrar aulas na parte do ensino técnico e profissional, o que acarreta uma indisfarçável desprofissionalização da carreira docente; e) a vinculação da reforma aos interesses do setor empresarial, principalmente quando se constata o papel central desempenhado por organizações ligadas a grandes grupos econômicos, os quais, cada vez mais, têm promovido ações e projetos relacionados ao campo educacional.

No bojo dessas críticas, os mais diferentes agentes entraram em jogo, tais como organizações sindicais de profissionais da educação, entidades de docentes da pós-graduação na área da educação, estudantes secundaristas, parlamentares do campo progressista, ativistas da causa educacional, dentre outros. De notas de repúdio a manifestações públicas (sejam nas ruas ou nas redes sociais digitais), de abaixo-assinados a ocupações estudantis, não faltaram ações contrárias à implementação da reforma do NEM. No escopo deste estudo, tomamos como objeto de análise o discurso humorístico, aqui compreendido como um elemento que pode se configurar em estratégia de resistência ao NEM.

Conforme destaca Possenti (2018), o humor ganha espaço cada dia mais numeroso e relevante no tempo de hoje, de modo a ser compreendido como um campo discursivo, podendo tratar dos mais diversos assuntos, apresentar gêneros variados em diferentes mídias e suportes, formas de produção e de recepção também múltiplas e ser marcado por regras, funções e um universo próprio. De acordo com Santos (2012, p. 27), “[...] para ser compreendido e levar ao riso, o humor precisa tratar de atitudes humanas que tenham relação com uma sociedade, uma cultura, com um determinado grupo social e com um tempo histórico definido”.

Diante disso, buscamos pensar como o humor pode se contrapor a relações de poder e à ordem social instituinte pelo discurso oficial, aqui concebido principalmente ao campo do governo e das instituições. Ao assim proceder, o discurso humorístico encapa práticas de resistência, de luta e de confronto. Objetivamos, pois, analisar como o discurso humorístico materializado em tiras cômicas publicadas no *Instagram* faz funcionar estratégias de resistência ao NEM. Considerando isso, partimos da seguinte inquietação: como o discurso humorístico faz funcionar estratégias de resistência ao NEM?

Para isso, selecionamos como materialidades para análise cinco publicações retiradas do perfil @coletivoeducartum no *Instagram*, que, conforme consta da descrição, tem como objetivo usar o humor e os quadrinhos para lutar pela educação pública.

A fim de sustentar teoricamente o estudo, baseamo-nos nas reflexões de Michel Foucault (1995; 2006a; 2006b; 2007; 2008; 2010; 2011), a fim de pensarmos as relações entre o discurso, as relações de poder e as práticas de resistência. Ademais, mobilizamos autores que versam acerca do riso e do humor como Possenti (2018), Santos (2014), Ramos (2011; 2018), dentre outros.

Destacamos a pertinência do estudo, tendo em vista tratar-se de uma temática atual e de interesse de toda a sociedade brasileira, especialmente quando ponderamos acerca dos interesses políticos que estão jogo na constituição do NEM, a partir do prisma humorístico. Esse exercício revela a premência de agenciarmos práticas de resistência e de contracondutas aos mecanismos de poder e de controle que não levam em conta as singularidades

dos sujeitos e as condições materiais e subjetivas dos atores educacionais, ao preconizarem uma uniformização dos percursos educativos, de modo a valorizar a competição e o individualismo. Conforme nos lembra Carvalho (2021, p. 29), importa “[...] pensar nas possibilidades de criação de outros mundos com outras manifestações de verdades, porém que sejam múltiplas, mutantes, móveis, e, no lugar de colonizar nossas verdades, nos potencializem para dimensões mais criativas da vida”.

2 METODOLOGIA

O estudo se ancora na perspectiva teórico-metodológica de Michel Foucault, mais especificamente no método arqueogenealógico. Em linhas gerais, trata-se de correlacionar a produção dos saberes a embasarem os discursos (arqueologia) com os mecanismos de poder e as estratégias de resistência que atravessam toda a produção discursiva. Segundo Foucault (2010, p. 57), a arqueologia busca “definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras”. Já a genealogia, com forte inspiração na filosofia de Nietzsche, propõe-se “[...] a mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início” (Foucault, 2008, p. 21).

Pensando no objeto de estudo deste texto, analisamos os discursos humorísticos sobre o NEM, com o intento de descrever que saberes e posicionamentos discursivos estão em jogo e de que maneira fazem funcionar estratégias de resistência ao processo de implantação da reforma. Para isso, selecionamos cinco postagens publicadas no perfil @coletivoeducartum no *Instagram*. Na escolha por essas materialidades, o critério adotado foi o seguinte: a) que tratassem sobre o NEM ou ainda sobre a reforma que o instituiu; b) que pudessem expressar, de algum modo, posicionamentos de crítica a essas mudanças educacionais e, assim, engendrar práticas de resistência.

Na análise do material, seguimos as seguintes etapas: a) fizemos uma leitura atenta das postagens, buscando investigar os elementos responsáveis pela constituição verbo-visual na materialização do humor; b) examinamos essa construção discursiva sob o prisma investigativo foucaultiano; c) constatamos a existência de regularidades temáticas e organizamos o exercício de análise de modo a contemplar posicionamentos discursivos concernentes a falácias da reforma do NEM e às consequências provenientes da implementação da reforma no cotidiano da escola, seja em relação a problemas na oferta dos itinerários formativos, seja na diluição de disciplinas em áreas do conhecimento. Vale salientar que distribuímos as análises no âmbito dessas regularidades temáticas, consoante pode ser observado no tópico a seguir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, tratamos de analisar postagens do perfil @coletivoeducartum que enunciam sobre o discurso falacioso da reforma do NEM. Vejamos, pois, a postagem a seguir².

Figura 1: Postagem



Fonte: @coletivoeducartum.

² Importante frisar que várias tiras cômicas que circulam no perfil @coletivoeducartum são publicadas nos perfis dos cartunistas que as produziram, especialmente @prof.martin e @sociologiaillustrada.

No caso da tira expressa, o humor acontece devido a uma quebra de expectativa, a partir da emergência de uma situação inesperada, comumente empregada na construção de piadas. De acordo com Ramos (2015, p. 139), “[...] conduz-se o leitor ou ouvinte para um caminho apenas para surpreendê-lo ao longo da narrativa, apresentando outra possibilidade de interpretação, não prevista até então”. Nas tiras cômicas, a constituição desse discurso humorístico está intimamente ligada à natureza verbo-visual desse gênero. Assim sendo, na tira em análise, o leitor vê-se diante de três estudantes com expressões de júbilo, sendo que um deles abre um livro cujo título reporta à sigla relativa ao novo ensino médio. Imagens de emojis em formatos de estrelas e a cor amarela predominante na tira evocam sentidos de festa, de conquista e de êxito. As inscrições verbais, acompanhadas de um sinal de visto na cor verde, recuperando um imaginário da cultura escolar da correção, colaboram para tal efeito, na medida em que imputam ao NEM características positivas: valorização de docentes e alunos, possibilidade de cursar disciplinas eletivas com profissionais especializados, poder de escolha dos discentes na construção de seus itinerários formativos e preparação para o ensino superior.

Não obstante, na parte inferior, lemos que se trata do dia 1º de abril. Via domínio de memória, essa data associa-se ao Dia da Mentira e tal informação desconstrói o efeito de verdade dos enunciados antes expostos, de tal modo que o leitor é levado a crer que tudo que a reforma do NEM preconiza não passa de uma falácia. Tal posicionamento discursivo mostra-se coerente com a proposta do perfil onde a tira foi publicada, pois se busca engendrar modos de enfrentamento ao às relações de poder intrincadas ao discurso oficial da reforma (Silva; Brunet; Moura, 2022).

Assim, a resistência consiste em contrapor outro saber que põe em xeque as verdades vendidas pela reforma e, com isso, a compreensão que prevalece na tira conduz uma maneira de negar tudo que foi afirmado até então: o NEM não valoriza os docentes e discentes, não cria possibilidades de aprofundar disciplinas eletivas com professores especialistas, não possibilita o poder de escolha para o discente e tampouco prepara o aluno a fim de ingressar

na universidade. Para Foucault (2006a, p. 232), “[...] as relações de poder suscitam necessariamente, apela a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência”. A tira inscreve-se nesse espaço de lutas e de embates que põem em jogo outros discursos acerca da reforma do NEM, buscando, sobretudo, desestabilizar a performatividade dessa estratégia de governo das condutas.

Dando prosseguimento às análises, eis a próxima tira.

Figura 2: Postagem 2



Fonte: @coletivoeducartum.

Conforme lembra Foucault (2010), todo enunciado funciona numa rede que recupera enunciados já produzidos anteriormente ou outros ainda a serem formulados, supondo, assim, o funcionamento de uma memória. Seguindo essa perspectiva, a tira evoca a parte inicial do refrão de uma música conhecida do público brasileiro: Evidências³, gravada pela dupla sertaneja formada pelos irmãos Chitãozinho e Xororó em 1990 (Silva Junior; Maknamara, 2023). Com vistas a aludir a tais elementos, a tira exhibe uma dupla de cantores sentada num banco e tocando violões, de modo a elucidar um imaginário social acerca da música caipira.

³ O refrão da música diz assim: “Chega de mentiras/De negar o meu desejo/Eu te quero mais que tudo/Está escrito no seu beijo/Eu entrego a minha vida/Pra você fazer o que quiser de mim/Só quero ouvir você dizer que sim”.

O enunciado “Chega de mentiras” é ressignificado e, na tessitura discursiva, inscreve a sigla do novo ensino médio na materialidade significativa, formando o neologismo “nemtiras”. Podemos destacar que se trata de um modo de enunciar acerca do NEM que o conecta intrinsecamente ao campo da mentira, da farsa, da inverdade, de forma a postular um posicionamento segundo o qual é imperioso desmascarar essa atual configuração do ensino médio, mostrando, portanto, as “evidências” que se busca disfarçar. Destarte, se, no caso da letra da música, o sujeito enunciator chama para si mesmo um discurso de verdade no âmbito de uma relação amorosa, o posicionamento assumido busca denunciar a natureza fingida do NEM. Trata-se, conforme sublinha Foucault (2011, p. 13), de uma “[...] coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve”.

Esquemáticamente, podemos entrever a atuação de estratégias de resistência, de pontos de contestação à reforma do NEM. Para Foucault (1995), toda relação de poder implica uma estratégia de luta e isso caracteriza um confronto contínuo. Seguindo essa compreensão, não há relação de poder sem a existência de sujeitos que possam agir, visto que o poder, compreendido como uma forma de governo das condutas, age sobre as ações dos sujeitos. Na tira em estudo, irrompe uma conduta de insubmissão e de desobediência às mudanças do NEM, as quais são concebidas como sendo fraudulentas, cabendo, portanto, desconstruí-las. O discurso humorístico, nesse contexto, funciona como uma arma de combate às práticas discursivas oriundas do NEM e dos agentes que as defendem.

Na tira seguinte, o humor constrói-se por meio da alusão a uma imagem de um vídeo que viralizou na internet em 2021.

Figura 3: Postagem 3



Fonte: @coletivoeducartum

O enunciado da tira recupera uma imagem de um vídeo produzido pelo humorista Rafael Chalub, que assina como nome artístico “Esse menino”, e se tornou famoso na *internet*, ao publicar vídeos satirizando e-mails enviados ao governo brasileiro pela farmacêutica *Pfizer* que, na ocasião, ofertava vacinas para a covid-19. Tais e-mails, conforme se apurou posteriormente, tinham sido ignorados pelo governo de Jair Bolsonaro. A situação evocada pelo humorista reitera a negligência da gestão no decorrer da pandemia, que dizimou mais de seiscentos mil brasileiros. Trazendo para o universo da reforma do ensino médio, a tira recategoriza a *Pfizer* nas disciplinas de Filosofia e Sociologia, as quais, na história da educação brasileira, sofrem em razão de reformas que ora as inclui no currículo, ora as deixa de fora. Com a distribuição das disciplinas por áreas do conhecimento, tais disciplinas foram desvinculadas do desenho curricular, embora os saberes dela provenientes não sejam totalmente apagados.

A tira, além da remissão ao meme, ironiza o significante “novo”, pois, em um domínio de memória, recuperamos que as disciplinas mencionadas antes já foram extintas do currículo escolar durante a ditadura civil-militar, mais precisamente pela Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Diante disso, o posicionamento discursivo manifesto na tira consiste em questionar o efeito de novidade de uma reforma que empreende condutas semelhantes às aquelas

praticadas num período conturbado da história brasileira. Para tanto, a tira lança mão do termo “falsiane”, empregado entre os usuários da *internet*, para se referir ao NEM e, uma vez mais, o NEM é tido como uma fraude e uma política de atraso na educação.

Desse modo, a tira mobiliza o humor enquanto uma ferramenta de crítica e de subversão ao modelo educacional proposto pelo NEM, pois a exclusão de disciplinas responsáveis pela formação humanística dos alunos tende a gerar sujeitos desengajados, individualistas e alheios aos problemas sociais existentes. Ademais, é ainda possível ler que saberes historicamente produzidos no âmbito de componentes curriculares como a Filosofia e Sociologia possibilitam problematizar o modo por meio do qual o NEM se apresenta e, diante disso, questionar em que medida esse modelo seria considerado “novo”.

Todo esse movimento, a nosso ver, caracteriza o funcionamento das estratégias de resistência, notadamente porque, na esteira das tiras analisadas anteriormente, busca-se afrontar os regimes de verdade responsáveis pela emergência e constituição do NEM. Conforme Foucault (2006b), as estratégias de resistência corporificam-se sob a forma de pontos de fuga, de subterfúgios, de maneiras de inverter as relações de poder. Assim considerado, a tira faz insurgir contracondutas ao NEM, atuando, de modo microfísico, na configuração de táticas de combate, de luta e de subjetividades questionadoras. Para Navarro (2020, p. 224), o poder exerce-se “[...] sobre sujeitos livres que dispõem diante de si um leque de condutas possíveis, diversos modos de comportamento e de relações frente a um polo de poder”.

Nas tiras que seguem, é preponderante a crítica às consequências advindas da implementação do NEM.

Figura 4: Tira 4



Fonte: @coletivoeducartum.

As disciplinas eletivas constituem a parte diversificada do currículo do NEM e, de acordo com o texto da lei que o estabelece, necessita ser ofertada pelas escolas e redes de ensino, de acordo com o interesse dos discentes, partindo, sobretudo, das identificações de cada aluno e de seus percursos formativos (Brasil, 2017). A fim de situar melhor a tira, é fundamental reportar uma notícia publicada no jornal O Globo, em 13 de fevereiro de 2023⁴, depois publicada noutros sítios eletrônicos. Na matéria, há uma síntese de nomes inusitados de eletivas ofertadas no ano anterior, o primeiro da implementação obrigatória da reforma. Na listagem de eletivas, destacam-se “RPG”, “Brigadeiro caseiro”, “Mundo Pets SA” e “O que rola por aí” (Lima, 2023). Esta última é evocada na tira para gerar o efeito de humor.

⁴ A matéria foi reportada em sites como este: https://sintep.org.br/sintep/Utilidades/view_noticia/apos-reforma-do-ensino-medio-alunos-tem-aulas-de-39-o-que-rola-por-ai-39-39-rpg-39-e-39-brigadeiro-caseiro/i:2246. Acesso em: 12 jun. 2024.

Conforme vemos, a professora escreve na lousa a denominação da eletiva e os alunos começam a indagar sobre o que se trata. As sucessivas respostas negativas por parte da docente intensificam a sua indisposição em falar sobre o teor da aula, fator a ser observado na postura inclinada e na ênfase abrupta dada à prosódia do advérbio não. No último quadrinho, eis a resposta: “aula de qualquer coisa”, a qual constitui um gatilho para a produção do humor, isto é, uma situação inesperada (Ramos, 2015), haja vista que culturalmente somos levados a pensar nos saberes escolares dotados de uma dada coerência, incluindo aí conteúdos demarcados. A falta de tais elementos ocasiona o efeito de humor na tira, dado que o “O que rola por aí” denota tanto um sentido de vagueza quanto a ausência de elementos contextuais que possam preencher a referência ao dêitico de lugar “aí”, o qual pode se referir a diversas entidades no mundo e, portanto, mudar de acordo com quem enuncia e para quem o faz.

Essa descrição do funcionamento linguístico do humor na tira é relevante para compreendermos o modo por meio do qual o posicionamento discursivo presente nesse enunciado conceptualiza o NEM. Especificamente falando, temos a manifestação de uma crítica à implementação dos itinerários formativos, os quais são discursivizados como sendo esvaziados de um propósito formativo, indefinidos em relação à uma proposta educativa efetivamente relevante para os alunos. Ao tentar abrigar interesses distintos, os itinerários não conseguem dar conta de tal função, o que gera certas anomalias na configuração curricular. De acordo com Fávero, Centenaro e Santos (2022), os itinerários, envoltos sob o discurso da liberdade de escolha dos alunos, acabou por acentuar as desigualdades educacionais, haja vista o fato de os estudantes não terem os seus interesses atendidos, resultando, assim, na existência de itinerários formativos tidos como obscuros, genéricos e indefinidos.

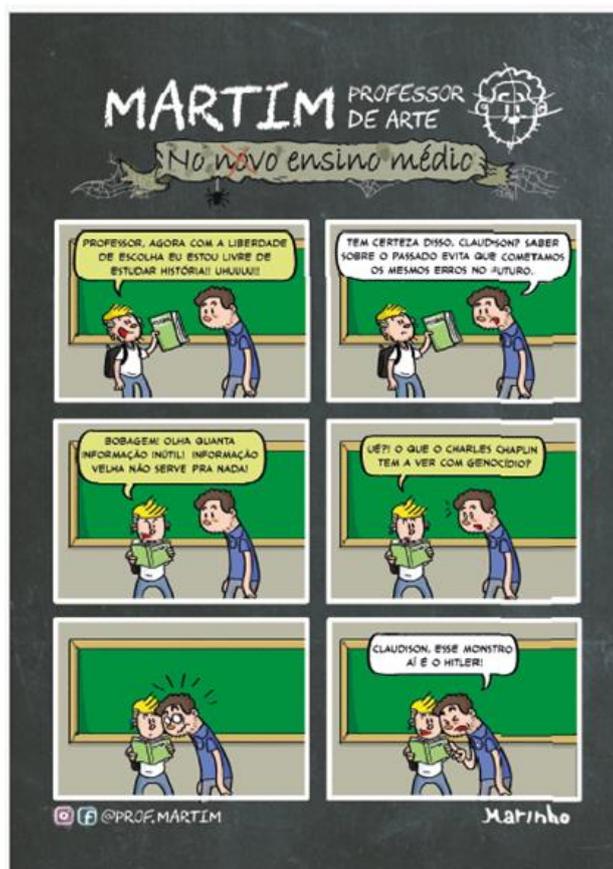
A tira põe em relevo essa consequência da reforma do NEM e, com isso, evidencia a atuação das resistências a essas mudanças. Conforme lembra Foucault (2007, p. 107), são recorrentes “[...] pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos”. Podemos enfatizar que esses pontos de resistências se presentificam no funcionamento discursivo do humor em estudo

e nos revela as tensões e os embates que persistem no campo da educação, notadamente o ensino médio (Correa; Cunha, 2023).

Importante ainda registrar que o desconforto da docente na tira coaduna com o quadro de intensificação do trabalho docente, pois, conforme pondera Corti (2023, p. 132), “[...] os professores precisam assumir um número maior de componentes curriculares, em itinerários formativos muitas vezes irreconhecíveis e alheios a sua formação, e que são evitados no momento de atribuição das aulas”.

Para concluir as análises, examinemos a tira a seguir.

Figura 5: Tira 5



Fonte: @coletivoeducartum

Conforme Ramos (2011), na leitura de tiras, é importante observar a retomada coesiva de objetos de discurso, os quais podem ser modificados a partir de cada quadrinho, de modo a caracterizar o motor da narrativa do texto. Na tira antes exposta, o livro que o aluno traz consigo constitui esse objeto de discurso

a sofrer mutações no decurso da narrativa. Descrevendo a situação ilustrada, vemos um aluno chegar animado com a possibilidade de escolher o seu percurso formativo e, por extensão, não ser mais necessário estudar os conhecimentos da disciplina de História. A reação do docente frente a esse entendimento do aluno não o afeta e ele segue firme em seu propósito, pois considera inúteis as informações “velhas” da História.

Contudo, uma dúvida expressa no quarto quadrinho parece exigir dele informações mais claras sobre a relação entre personalidades (Charles Chaplin) e acontecimentos históricos (genocídio). No último quadro, o docente se espanta ao olhar o livro e constatar que o discente havia confundido Charles Chaplin com Adolf Hitler. Assim, o livro acaba por se configurar como o elemento condutor dessa micronarrativa, sendo recuperado em todos os quadros, ressignificado ora como um objeto a representar a suposta liberdade do aluno em estudar somente o que o agrada, ora como um artefato que requer a mediação do professor.

Além do mais, a construção do humor perpassa essa confusão do aluno sobre a identificação de duas figuras históricas importantes, embora completamente distintas, de modo a gerar a crítica ao NEM. Assim, a incompreensão dessas personagens ilustra a crítica a uma proposta de educação marcada pela fragmentação dos conteúdos e, sob a lógica da escolha discente, aventa-se para os prejuízos na formação básica dos alunos. De acordo com a leitura de Silva, Krawczyk e Calçada (2023, p. 1), a partir de um mapeamento dos currículos estaduais forjados pelas orientações do NEM, “[...] verifica-se uma variedade de formatos e curriculares e a possibilidade que se institua uma formação fragmentada e aligeirada, distante das necessidades de formação da juventude”.

Outro ponto a se insistir, conforme o discurso da tira, é nos efeitos resultantes de uma reforma que coloca sob a ótica dos alunos a responsabilidade pelos seus percursos formativos. Com forte matizes neoliberais, essa proposta parte de uma ideia de personalização dos currículos com inspirações mercadológicas, de tal maneira que o aluno se vê supostamente diante de um leque de opções a serem escolhidas conforme seus desejos, agindo, de modo análogo, a compra de um produto ou a aquisição de um serviço. Quando

“consume” somente o que lhe agrada, questões fundantes de uma formação escolar sólida podem ser deixadas de lado e o resultado, no caso da tira, pode ser problemático.

Uma vez mais, salientamos como o discurso da tira ancora-se em táticas de resistências a denunciarem o corolário de uma configuração curricular que secundariza a formação integral em favor de uma famigerada flexibilidade, de uma pretensa inovação e liberdade de escolha. Com apoio em Foucault (2007, p. 111), concebemos que o discurso “[...] pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”. No conjunto das tiras aqui examinadas, foi possível apreender o funcionamento dessas formas de resistência em relação ao NEM e à reforma da qual esse modelo resulta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, partimos do objetivo de compreender como o discurso humorístico faz funcionar estratégias de resistência ao NEM. Como materialidades de estudo, selecionamos cinco tiras cômicas publicadas no perfil @coletivoeducartum no *Instagram*, que se vale do humor como uma maneira de defender a educação. Para isso, partimos da seguinte problemática: como o discurso humorístico, materializados nas tiras, faz circular estratégias de resistência ao NEM?

Conforme vimos no decorrer das análises, as tiras fazem críticas a elementos-chave da reforma que instituiu o NEM e aos efeitos advindos da implantação dessas mudanças na última etapa da educação básica brasileira. Dessa forma, as três primeiras tiras estudadas se voltam a denunciar as promessas da Lei nº 13. 415/2017 e mostrar que se trata de uma falácia. As três últimas tiras, por sua vez, enfocam as consequências da organização curricular pautada pela reforma e pontuam a formação deficitária resultante.

O discurso humorístico lança mão de estratégias variadas para engendrar formas de resistência, como o sarcasmo, a ironia, as situações inesperadas e a reformulação de enunciados já ditos antes (coma a letra de

música na tira 2 e o meme da tira 3). Ao assim proceder, o humor potencializa o seu campo de atuação e fortalece os embates e o enfrentamento aos poderes instituídos que buscam governar a educação de uma forma hegemônica. Nesse sentido, crucial ressaltar o apontamento realizado por Albuquerque Júnior (2015), quando defende que insistir na resistência, na acepção foucaultiana, não significa prever a anulação ou o fim do poder, senão contribuir para que o poder seja permanentemente recriado sob novas bases.

Por fim, frisamos que pensar a resistência ao NEM pela via do humor soma-se a tantas outras práticas libertárias e subversivas a desafiarem essa proposta educacional e delinearem possibilidades outras de constituição de subjetividades, de outras formas de enxergar a escola, o saber escolar, as juventudes, o currículo e a formação no interior do ensino médio brasileiro, uma etapa educacional cronicamente marcada por desigualdades e desafios.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Edifício em construção ou em ruínas: dos usos e abusos do pensamento de Michel Foucault na atualidade. *In*: SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da (Orgs.). *Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2015. p. 209-221.

BRASIL. Congresso Nacional. *Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 14 abr. 2022.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Educação e novas constelações de vida: criar zonas de colapso no véu das verdades unificadas. *In*: HENNING, Paula Corrêa; SILVA, Gisele Ruiz. (Orgs.). *Educação e filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos*. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2021. p. 17- 35.

CÁSSIO, Fernando. Falsos consensos e a luta pela revogação da reforma do ensino médio. *Formação em movimento*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 138-160, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/formov/article/view/845/677>. Acesso em: 11 jun. 2024.

CORREA, Licínia Maria; CUNHA, Maria Amália de Almeida. A vida numa encruzilhada: jovens do ensino médio entre o desejo e a necessidade de projetar o futuro. *Educ. Form*, Fortaleza, v. 8, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/10059/9276>. Acesso em: 11 jun. 2024.

CORTI, Ana Paula. O ensino médio entre reformas. In: Ana Paula Corti; CÁSSIO, Fernando; STOCO, Sérgio. (Orgs.). *Escola pública: práticas e pesquisas em educação*. Santo André, SP: Editora UFABC, 2023. p. 123-135.

FÁVERO, Altair Alberto; CENTENTO, Junior Bufon; SANTOS, Antônio Pereira dos. A ilusão da liberdade da escolha: o problema da “customização” do currículo dos itinerários formativos da Reforma do Ensino Médio. *Educação por escrito*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/porescrito/article/view/43171>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Gulhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LIMA, Ludmilla de. Após reforma do ensino médio, alunos têm aula de ‘O que rola por aí’, ‘RPG’ e ‘Brigadeiro caseiro’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2023. Seção Brasil. Disponível para assinantes em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/aula-de-rpg-ou-de-cuidados->

com-o-pet-professores-e-pais-criticam-disciplinas-inusitadas-do-novo-ensino-medio.ghtml. Acesso em: 11 jun. 2024.

NAVARRO, Pedro. Masculinidades em disputa no campo enunciativo: corpo, poder e contracondutas. In: BRAGA, Joaquim; FERNANDES, Rafael Souza Bento; TASSO, Ismara. (Orgs.). *Foucault e os discurso do corpo*. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 219-248.

POSSENTI, Sírio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2018.

RAMOS, Paulo. Piadas para ver: o uso da imagem como recurso de humor em tiras cômicas. In: CARMELINO, Ana Cristina. (Org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 137-153.

RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. In: SANTOS; Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina (Orgs.). *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 13-48.

SILVA, Francisco Vieira da; BRUNET, Patrícia Diógenes de Melo; MOURA, Thâmara Soares de. Projeto de vida, novo ensino médio e(m) discurso no *Twitter*. *Rev. Pemo*, Fortaleza, v. 4, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/9148/7824>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Monica Ribeiro da; KRAWCZYK, Nora Rut; CALÇADA, Guilherme Eduardo Camilo. Juventudes, ensino médio e itinerários formativos: o que propõem os currículos das redes estaduais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 49, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JFWYthKGr3PzwN7QsqhfMqs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; MAKNAMARA, Marlécio. #ChegaDeMentiras: novas masculinidades no currículo da publicidade. *Textura*, Canoas, v. 25, n. 61, p. 29-49, jan./mar. 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7352>. Acesso em: 11 jun. 2024.